

DELPHINE COULIN

SAMBA

Tradução
JULIA DA ROSA SIMÕES

**pa
ra
le
la**

Copyright © 2011 by Delphine Coulin

Esta tradução foi publicada por acordo com Other Press LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Samba pour la France

FOTO DE CAPA © 2015 Califórnia Filmes

PREPARAÇÃO Mina Diamant

REVISÃO Cristina Terada Tamada e Renato Potenza Rodrigues

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coulin, Delphine

Samba / Delphine Coulin ; tradução Julia da Rosa Simões. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: Samba pour la France.
ISBN 978-85-65530-99-6

1. Romance francês I. Título.

15-01782

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

1

Talvez fosse o fim. O furgão seguia a toda velocidade pelo cais do Sena e ele não sabia para onde estava sendo levado. Alguma coisa batia e fazia barulho contra o escapamento, sem que nada nem ninguém pudesse interrompê-lo, e a sirene berrava a cada cruzamento. Um raio de sol fez brilhar as algemas que apertavam seus punhos. As palavras tinham sido inúteis.

Foi preso pela polícia sem ter feito nada de errado.

Naquele dia, Samba chegou à chefatura às seis e meia da manhã. Esperou mais de quatro horas em pé, na rua, atrás das grades cinzentas, e depois dentro do saguão, alternando o peso do corpo de uma perna à outra, como fazem os cavalos para cansar menos as patas. Como ele, homens e mulheres de todos os países faziam fila sob o sol que subia aos poucos: o mundo inteiro parecia ter marcado encontro naquela ruazinha histórica do centro de Paris, naquele mês de julho do início do novo milênio. Um de cada vez, todos entravam por um dos portões à frente do edifício, e nunca eram vistos saindo: pareciam ter sido engolidos.

Ele avançava, passo a passo, em direção à porta onde obteria a resposta que já esperava havia cinco meses, sem contar os dez anos anteriores, cinco meses e dez anos em que parecia não ter feito outra

coisa além de esperar, e depois caminhar, dez anos e cinco meses colocando um pé depois do outro, obstinadamente, ao longo de uma estrada cujo ponto de partida havia sido sua casa, de onde se afastara sob a claridade frágil da aurora, enquanto as duas irmãs ainda dormiam, enquanto sentia o olhar da mãe pesar-lhe nas costas e tentava fazer-se maior, mais confiante, mais digno — aquela marcha talvez finalmente se encerrasse ali, na chefatura de polícia de Paris. Ele estava na França havia mais de dez anos, por isso tinha feito um pedido de visto de residência. Estava ali para saber se tinha sido aceito. Mais de dez anos sem ver a mãe.

Pensava naqueles dez anos e cinco meses, nas semanas de viagem que os precederam, quando quase perdeu a vida várias vezes e viu outros morrerem em seu lugar, seja sobre o solo africano, as areias do deserto ou o asfalto das cidades europeias, e via aqueles anos como uma marcha silenciosa, feita de esperanças que embalavam seu coração e tornavam a vida mais rápida e leve, como quando corremos morro abaixo e os pés ziguezagueiam por causa da velocidade, mas feita também de decepções brutais que o prostravam até o início da próxima esperança, quando então se reerguia, olhava para o alto, firme, confiante, e avançava de novo, fingindo esquecer a espera e ainda acreditar na possibilidade de vencer na França, até que o azar o atingisse de novo e o desencorajasse, até que, mais uma vez, pensasse ainda ser possível tomar o destino entre as mãos e escolher os rumos da própria vida. Quando se aproximou da casa do tio, em Paris, pensou consigo mesmo que se tinha chegado até ali era para finalmente descobrir por que viera ao mundo. Sempre que duvidava do futuro, o tio meneava gentilmente a cabeça para encorajá-lo, encarando-o fixamente como se lesse os pensamentos dele.

Ele ainda não sabia que a viagem heroica que tinha feito seria, no fim das contas, menos difícil do que tudo o que viveria depois de chegar à França.

Enquanto avançava, passo a passo, como todos que o precediam, ao ritmo da porta que abria e fechava, o garotinho à sua frente es-

tancou de repente e interrompeu o progresso da fila. Recusava-se a continuar. A mãe lançou um sorriso envergonhado para os que esperavam e um olhar angustiado em direção aos números vermelhos que anunciavam a ordem de atendimento: tinha medo de perder a vez. O menino parecia obstinado. Ela murmurou algo em seu ouvido, mas o filho, que não devia ter mais de quatro anos, começou a choramingar e a se contorcer dentro do blusão vermelho grande demais que devia ter sido usado por outros antes dele. Queria fazer xixi. Samba ofereceu-se para guardar o lugar deles. A mãe sorriu para ele e avançou, confiante, até o guarda postado na entrada do prédio. Ele fez que não com a cabeça. Com o rosto tenso, a mãe levou o filho para a rua. Quando começou a abrir a calça do menino na calçada, ao ar livre e na frente de todos, ele começou a chorar alto. Cerca de oitenta pessoas o observavam. Ele protestou, segurando as calças. A mãe se irritou, pois estava cansada, com pressa, envergonhada de ser o centro das atenções e preocupada de perder a vez, já que ela também devia estar esperando, obcecadamente, por uma resposta do chefe da polícia. Ela, então, baixou as calças do filho, no meio da rua, com gestos autoritários e ríspidos, e o pequeno soltou um grito estridente de vergonha e raiva. Chorando, engolia as palavras, enquanto ela dizia pra ele fazer xixi na sarjeta. Todos olhavam para ele, alguns sorrindo, outros com pena, outros irritados. Samba avançou mais devagar em direção à porta por onde se entrava mas de onde não se saía. O pequeno tentava levantar as calças soltando gritos agudos, dizendo que não estava mais com vontade. A mãe apertou seu sexo, que parecia um dedinho inchado, e sacudiu-o, dizendo que se apressasse. Finalmente, algumas gotas molharam a calçada da prefeitura. Todas as riquezas da natureza tinham os olhos voltados para um garotinho que fazia xixi em plena rua, a contragosto, no solo francês.

Samba Cissé suspirou. A mãe voltou para a fila no saguão, agradecendo a ele. Samba piscou para o menino, que escondeu o rosto na parte de dentro do cotovelo, humilhado. Parecia ainda menor. A mãe puxou-o pelo braço: era a vez deles.

Ele os viu desaparecer.

Ficou contente ao ver seu número no painel, ainda que estivesse também com o estômago embrulhado. Avançou até a porta à sua frente e bateu. Uma voz ordenou que entrasse.

O gabinete era escuro, e o teto tinha uma imagem feia de céu. Sentou-se, sem jeito, na cadeira à frente do homem que não olhava para ele e mantinha os olhos fixos num monitor; atrás dele, em contrapartida, um retrato do presidente da República parecia não perdê-lo de vista. Desconcertado, Samba Cissé explicou que tinha feito um primeiro pedido de visto de residência ao chegar à França, dez anos antes.

Tinha recebido, na época, uma autorização provisória: mostrou com orgulho o cartão com sua foto, que nunca o abandonava.

O homem não lhe concedeu sequer um olhar. Parecia não ouvir o que ele dizia.

Samba passou-lhe o recibo da entrega de documentação, de cinco meses antes.

O homem pegou-o e leu:

Samba Cissé, nascido em 16/02/1980 em Bamako, Mali.

Entrou na França em 10/01/1999.

Pedido recebido em 01/02/2009.

Samba explicou que, além de estar na França havia mais de dez anos, durante quase todo esse tempo havia trabalhado e pago impostos. O simples fato de dizer aquilo reforçava sua convicção: receberia um visto de residência, pois finalmente preenchia todos os requisitos necessários.

O homem franziu as sobrancelhas, que eram muito compridas, quase tanto quanto os bigodes, e davam-lhe um ar de *fox terrier*. Tosuiu. Partículas acumuladas sobre os fichários esvoaçaram diante da luz azulada do monitor.

Samba ficou com calor. Não havia recebido nenhuma resposta, em cinco meses, e vinha apenas para saber se alguém tinha tido tempo de ler sua documentação. Além disso, sua mãe queria que ele fosse visitá-la no Mali, pois estava doente e, verdade ou não, se dizia isso era por-

que realmente precisava vê-lo. Ele se perdia em explicações e percebia que o funcionário não se interessava por aquelas coisas. Conseguiu se recompor. Tinha vindo pedir um visto de residência para poder sair do país — e, principalmente, para poder entrar nele de novo. Quase pedia desculpas. De repente, não soube mais o que estava fazendo ali. Sua cadeira estava grudada, o estômago resmungava, e as frases que saíam de sua boca pareciam sem sentido. Despejava tudo aquilo sobre o bigodudo, que tamborilava os dedos em cima da mesa, olhando para o monitor como se o computador que estivesse falando com ele.

Um silêncio se fez. O agente se virou para ele:

— Mas estou vendo aqui que o senhor recebeu uma resposta.

Surpreso, Samba disse que não, que não tinha recebido nada, e suas costas se afastaram levemente do encosto da cadeira, eretas. O agente lançou um olhar para o monitor, depois olhou para ele com uma expressão estranha.

— Sim. Estou vendo aqui. O senhor recebeu uma resposta da prefeitura há dois meses.

— Deve haver algum engano — ele respondeu, remexendo-se.

O agente pediu seu passaporte.

Ele o tirou do bolso da camisa.

Na primeira página, viu sua foto e, de novo, seu nome: Samba Cissé. Tinha orgulho do nome escolhido pelo pai, sonoro como um pé de vento.

— Tudo certo — disse o agente, satisfeito.

Dessa vez, fixou-o bem de frente, com atenção, comparando a foto do passaporte com o seu rosto, depois convidou-o a se instalar numa sala de espera. Samba voltou a passar pela fila em que se encontrava havia nem cinco minutos, perguntando-se por que todos tinham que ficar aguardando em pé se havia uma sala de espera em algum lugar.

As cortinas estavam contaminadas pela poeira e pelo mal-estar. Sobre uma mesinha baixa de vidro fumê, revistas estampavam o rosto do presidente da República, que tinha o mesmo olhar da foto pendurada acima do bigodudo.

Este voltou com seu superior. Samba Cissé virou a cabeça para encará-lo: o superior não usava bigode, mas tinha a mesma cara do outro. Vendo-os lado a lado, se deu conta de que, diferente da expressão de infelicidade dos que esperavam na fila, os dois agentes tinham a expressão altiva da autoridade.

Fecharam todas as portas e interpelaram Samba. O superior explicou que ele seria preso, enquanto o outro o algemava.

Ele protestou. No início, não acreditou no que estava acontecendo. Tinha ido por vontade própria à prefeitura, era injusto que se aproveitassem para prendê-lo: tratava-se de um grande equívoco, só precisava se explicar. Mas era como se os dois homens não ouvissem o que dizia: não respondiam e fecharam a cara, como se estivessem surdos e não o vissem, enquanto ele falava e gesticulava cada vez mais rápido, sem que as palavras surtisseram qualquer efeito.

Era como se não falassem a mesma língua.

A trava das algemas fez clique.

Ele tentou pedir ajuda, agitou-se, bateu na porta e falou e gritou e berrou, tudo em vão.

O bigodudo e seu superior o silenciaram com uma fita adesiva — chave de braço, joelho no pescoço — e o tiraram dali.

Quando passou, algemado, pelas pessoas que esperavam em fila à porta do Bureau des Étrangers encarando-o, baixou a cabeça, como se tivesse feito alguma coisa errada.

Foi então que viu o garotinho, que tinha parado de chorar e o fixava com um olhar grave. Parecia não perceber que a mãe o puxava pelo braço. Samba desviou os olhos. Compreendia a vergonha que o menino sentira havia pouco. Queria esconder o rosto.

Samba tinha chegado a Paris dez anos antes, aos dezoito anos de idade, quase dezenove, depois de ter atravessado um deserto, um mar e quatro países. Quando passou o portão do número 4 da Rue Labat, no 18º Arrondissement, deu num pátio escuro que se alargava em cinco ou seis corredores diferentes, que subiam aos andares superiores. Não sabia por onde seguir. Perguntou a um velho paquistanês de cabelos hirsutos e grisalhos, que acabou apontando para um canto escuro. Hesitou em seguir a indicação, mas o homem meneou a cabeça com tanta convicção que o fez avançar por um corredor onde o reboco se descolava em placas e só parecia resistir graças ao papel de parede imundo que o recobria. Depois, subiu alguns degraus, mas a escada acabava no primeiro andar: uma porta se abria para um buraco circundado por pedaços de tapeçarias com padrões rosados e brancos que sugeriam um antigo quarto, talvez de mulher, do qual restavam apenas vestígios fantasmagóricos. O lugar era perigoso, ele preferiu descer. Ao pé da escada, pensou ter visto movimento numa das aberturas e avançou com cuidado: um garotinho o fitou, a boca entreaberta revelando alguns dentes quebrados.

— Você conhece um homem chamado Lamouna Sow?

O menino deu meia-volta e saiu correndo o mais rápido que podia, desaparecendo num corredor escuro. Ele o perdeu de vista. Hesi-

tou em segui-lo, mas logo uma família inteira apareceu: um homem só de calças, sem camisa, duas mulheres, a mais jovem com um bebê no colo, e algumas crianças, entre elas o menino do sorriso quebrado.

— Está procurando alguém?

— Meu tio. Lamouna Sow.

O homem apontou para uma escada que descia. Eles estavam no térreo.

— Por ali? Para baixo?

A mais velha das duas mulheres, que tinha menos dentes que o garotinho escondido em suas saias, assentiu arregalando os olhos. O homem sorriu. Samba desceu degrau por degrau a escada de concreto que levava ao porão. Lá embaixo, um corredor de terra batida interligava portas de madeira que pareciam datar de séculos distantes e que se desintegravam com a idade e a umidade. Ele bateu na primeira porta e, pouco depois, ela se abriu.

Vinte e sete centímetros abaixo, o rosto do tio Lamouna apareceu: um rosto surpreso, de pele muito escura, onde faiscavam pequeníssimos olhos negros e brilhantes de pássaro. Era a primeira pessoa da família que via em mais de um ano. O tio o reconheceu imediatamente, o que lhe pareceu um milagre: fazia anos que não se viam. Samba quis abraçá-lo, mas Lamouna era tão pequeno que seu rosto bateu no peito do sobrinho, na região logo acima da barriga. Ele se deu conta de que devia estar cheirando mal. Seus cabelos estavam sujos, suas roupas colavam na pele havia vários dias, o corpo inteiro estava coberto por uma fina camada de suor e sujeira, inclusive entre os dedos. Então afastou-se suavemente. Bateu a cabeça no marco da porta e ficou com um galo.

— Cuidado, Samba — murmurou o tio.

— Não foi nada, estou acostumado — ele respondeu, massageando a testa.

Pensou que iriam voltar, de algum modo, à superfície, mas de fato a escada pela qual havia descido levava à casa do tio: um porão com estreitas janelas horizontais que davam para o chão do pátio, dois

cômodos mobiliados com um sofá desmantelado, uma televisão, um fogareiro, um velho refrigerador, uma mesa de acampar de fórmica vermelha, duas cadeiras de palha e um colchão disforme. Roupas secavam num fio suspenso ao longo de todo o comprimento do apartamento, contribuindo para o cheiro de umidade. Tudo havia sido limpo com cuidado, mas aqui e ali a pintura das paredes tinha embolorado e revelava pedaços de cimento no meio de grandes auréolas esverdeadas. Mesmo assim, não ficou desapontado. Estava feliz de estar ali, em família.

Um sorriso discreto iluminava o rosto de Lamouna, que tinha envelhecido e parecia mais enrugado e magro do que o tio das fotos da mãe. Lamouna estava com uma camisa desbotada e uma calça social escura, o pescoço magro saindo de um colarinho largo demais. Estava envergonhado porque o sobrinho havia descoberto que não vivia numa casa francesa e confortável, mas num porão onde a luz mal conseguia chegar. Samba sentiu uma leve hesitação em seu olhar, um medo de que fizesse perguntas: ele não queria ter que mentir. Ainda não havia entendido que o sobrinho já sabia que a vida não era tão simples. Ouviram ruídos abafados de gritos e músicas que ecoavam no pátio do edifício. Samba não sabia direito o que fazer e não ousava olhar para o tio nos olhos. Tinha colocado a pequena mochila esportiva no chão e esperava, imóvel, sem falar, sem sorrir, incrédulo, desorientado. Sentia a língua colada no céu da boca. Os anos e a ausência tinham aberto entre os dois um fosso invisível, difícil de transpor, e as palavras não brotavam com espontaneidade. O tio avançou na direção da mesa.

— Vamos comer! — disse de repente com entusiasmo.

Tirou alguns pratos da geladeira, envoltos em um plástico transparente que se abria com um chiado, e pequenas embalagens cobertas com alumínio. Lamouna mantinha-se muito ereto, o corpo teso pela discrição constante, com a circunspeção vertical dos acostumados a servir os outros, mas seu rosto não demonstrava nenhum servilismo, antes uma elegância natural que se manifestava assim que ele tocava um objeto ou o braço do sobrinho quando queria ser ouvido. Abriu todas as embalagens, delicadamente, com as mãos finas de unhas es-

triadas como conchas. Samba reconheceu aqueles gestos e aquela satisfação em agradecer: a mãe, irmã mais nova de Lamouna, fazia igual. Como um mágico, fez aparecer arroz e pastas, peixe e carne, um pão já fatiado e uma manteiga cremosa e suave como pele de bebê, além de um bife que fez a frigideira fumer e substituiu o cheiro de mofo do apartamento pelo de grelhado até a manhã seguinte. Lamouna trabalhava num restaurante perto da place de la Bastille e a dona o deixava trazer para casa o que não serviria para os clientes do dia seguinte. Havia alimentos que Samba nunca tinha visto, frios, pickles. No início, ficou desconfiado, mas acabou provando todos os pratos, misturando sabores, inebriado com aquela abundância, sem acreditar nos próprios olhos e em seu paladar. Comeu com avidez, sob os olhares atentos do tio, que o acompanhava com parcimônia e vigiava com ar grave seu prato e seus gestos, enquanto ele abocanhava fatias de pão com manteiga, finas camadas de carne crua temperadas com folhinhas verdes e perfumadas, legumes no vinagre e batatas frias, mal parando para tomar fôlego, totalmente concentrado no ato de se alimentar. O tio continuava a servi-lo com solicitude, enchendo o prato à medida que ele o esvaziava, e repetia:

— Come, meu filho, come.

Samba recostou-se confortavelmente à cadeira enquanto a barriga se estirava de prazer e a respiração se tornava mais curta, como se estivesse fazendo um esforço físico. Lamouna deu para ele experimentar um queijo forte que fez a língua arder, e disse com orgulho:

— Temos o mesmo fornecedor que os Troisgros.

Ele quase perguntou quem eram os três gordos, mas não tinha certeza de que o tio saberia dizer, pois percebeu pelo tom de sua voz que era uma frase que havia ouvido na boca de outra pessoa, então não disse nada e se serviu de novo, mergulhando a faca curva na polpa macia e apetitosa. O gosto do queijo encheu-lhe a boca, colando nas gengivas, sua casca era coberta por um pó fino, tão macia entre os dedos que parecia infinitamente preciosa. Ele se deliciou. E se esgotou.

Deve ter comido por mais de uma hora. Contava as novidades da família ao tio, que ouvia e ria sua gargalhada entrecortada, os olhos

franzidos de felicidade. Sua voz flutuava acima da mesa e contava todos os detalhes que ele conseguia lembrar, até os mais insignificantes, e cada um deles iluminava a cara redonda do tio. Encurvado sobre o prato, devorava tudo o que era servido, chupando os ossos, lambendo a gordura. O tio dizia:

— Beba um pouco de água.

Uma folha de menta rodopiou dentro da garrafa. Ele queria agradecer, mas ficou subitamente sem ar: acabava de ter uma visão que interrompeu seus pensamentos, como uma vertigem.

Viu uma areia branca — não a areia do deserto que o fizera sofrer, mas uma areia de praia, salgada, uma areia branca que não ofuscava e que irradiava uma luz suave, mais lunar que solar. Ele não sabia de onde vinha aquela imagem.

Um homem muito alto e muito magro mantinha-se em pé ao longe, era a única referência vertical naquela amplidão branca. Ele não distinguia os traços de seu rosto. Sua silhueta tinha a imprecisão de um sonho, seus passos eram silenciosos.

Era uma imagem muda e fugaz, que lembrava os devaneios que ele criava quando menino, observando as nuvens que passavam no céu. Desapareceu tão rápido quanto havia surgido, sob a luz velada do porão do tio.

Voltou a olhar para Lamouna e arregalou os olhos, mas não ousou dizer nada. Seria o cansaço, ou uma magia própria do novo país? Seria o fato de estar saciado, depois de uma fome que parecia ter durado meses? Ou seria a presença do tio ao seu lado, depois de tantos anos, que fazia ressurgir lembranças que ele nem tinha consciência de ter? Ele não sabia se o mar estava naquele sonho, mas o céu estava, impossível de localizar.

A imagem tinha desaparecido. Não pensou mais nela. E subitamente se sentiu feliz.

Samba acabou dizendo:

— Estou muito contente de ter conseguido encontrá-lo.

— Foi fácil me achar?

Lamouna perscrutou seu rosto.

— Sim.

O tio viu que mentia. Ele não pegou o metrô como tinham dito que fizesse, pois quando chegou à plataforma teve a impressão de que todos olhavam para ele, a começar por uma jovem de olhos azuis e pupilas imóveis. Ele tinha se encurvado e enfiado a cabeça entre os ombros, como se fosse seu corpo alto, de pernas compridas e magras demais, que a estivesse incomodando. No Marrocos, depois na Espanha, tinha a impressão de ser invisível, pois ainda que sua aparência inevitavelmente o traísse como estrangeiro e que sua presença fosse impossível de ignorar, ninguém demonstrava, por um gesto sequer, ter consciência de sua existência, até que de repente, naquela noite em Paris, sentiu o contrário no metrô, teve a impressão de que todos olhavam apenas para ele. Sentiu-se mais desajeitado do que nunca em cada um de seus gestos. Tinham-lhe dito para tomar cuidado com as fiscalizações, sobretudo no transporte público, sobretudo assim que chegasse. Mas qualquer movimento seu, por menor que fosse, parecia atrair a atenção dos que o cercavam. Pensava com força *Por favor, parem de me encarar*, esperando que a mensagem chegasse a todos, de uma maneira ou de outra. Viu dois adolescentes que o observavam. Transpirava. Olhava para as próprias mãos. Estavam sujas. Os garotos caminharam até uma moça de cabelos vermelhos e ela lhes deu algumas moedas.

Quando o metrô parou, ele se reconheceu no vidro do vagão e viu, mais atrás, duas mulheres cheias de sacolas plásticas, falando talvez a seu respeito. Ele olhou para o teto e as luzes dos corredores, refletidas, também pareceram fixá-lo com suas pupilas cegas. Uma das mulheres avançou para abrir as portas com um golpe seco e as duas entraram no vagão quando as portas começaram a se fechar. Viu um homem tranquilo à sua frente, do outro lado do vidro. Samba permaneceu na plataforma e o metrô se afastou.

Subiu à superfície para tomar um ar e continuou a pé, perguntando o caminho de tempos em tempos, mas ninguém o entendia. Um jovem casal gargalhou quando ele perguntou onde ficava a Rue Labat, e ele não entendeu por quê. Depois disso, não ousou mais fazer per-

guntas. Então caminhou, voltou a caminhar como vinha fazendo havia meses. Seguiu para o norte até encontrar o prédio do número 4 da Rue Labat, no 18^e Arrondissement.

Entrou num labirinto de caixas postais extraviadas, onde agiu como se estivesse num jogo de caça ao tesouro que o levaria ao tio. Chegou ao garotinho desdentado e à porta escondida de um porão quando estava prestes a acreditar que Lamouna não morava mais ali e que ficaria sozinho, mais uma vez.

Um segundo depois, o tio lhe desejava as boas-vindas e enfiava a cabeça em sua barriga.

Contou-lhe tudo, naquela noite, enquanto comia até não poder mais. Devorava os pratos em sequência, às vezes pontuando a deglutição com suspiros de satisfação. Lamouna ria e sacudia a cabeça, depois enxugava os olhos e também suspirava, dizendo:

— Vamos nos dar bem juntos.

E aquilo soava como uma nova esperança para os dois.

Um pouco mais tarde, quando já era noite, depois de guardar o que havia sobrado de comida de maneira meticulosa no pequeno refrigerador de bordas enferrujadas, Lamouna estendeu-lhe um pano de prato e começou a lavar a louça. Assim que acabava um prato, passava-o ao sobrinho, que o secava. E assim continuou, em silêncio. Ao fim, pegou o pano de prato molhado e, com igual cuidado, pendurou-o no varal. Disse ao sobrinho:

— Vou sair para trabalhar. Descanse. Aqui você está em casa.

E sorriu. Samba não fez perguntas, para não constrangê-lo. O tio estendeu no sofá um lençol felpudo decorado com flores vivas, depois saiu.

Samba pegou no sono imediatamente. Acordou no dia seguinte, no meio da tarde: seu descanso foi interrompido apenas por refeições sonambúlicas em que engolia o que Lamouna deixava para ele na pequena geladeira.

Dormindo, percebia as idas e vindas de Lamouna, que vinha às vezes dar uma olhada nele, e tinha a impressão de sentir a presença

bondosa da mãe, que ia vê-lo pensando que estivesse profundamente adormecido. O tio de certa forma a substituíra — talvez a avó fizesse isso com eles. Ele emergia do sono, depois voltava a adormecer com confiança e prazer. Não queria acordar. Tinha a impressão de que às vezes era noite, às vezes dia — as pequenas janelas horizontais mal o deixavam adivinhar. Somente a temperatura, que subia um pouco ao longo do dia, e às vezes um cheiro de chuva davam-lhe algum indício sobre a hora e o clima. Pela primeira vez em muito tempo, acordava ouvindo ruídos familiares — mulheres no pátio, música nos andares superiores, a voz do tio cantarolando ao preparar o café da manhã: até aquele momento, havia mais de um ano, cada um de seus despertares tinha sido o de um estrangeiro — em sobressalto, no meio de uma cidade sem pontos de referência, sem rostos familiares, sem luz conhecida. Ali, finalmente, virando-se no tecido felpudo e florido que se impregnava do suor frio de seus pesadelos intermitentes, percebia a presença discreta do tio que o fazia aflorar levemente do sono, apenas para voltar a mergulhar nele com mais força. Aqueles momentos ficaram gravados em sua memória como alguns dos mais doces de sua vida.

Dez anos depois, enquanto a viatura de polícia o levava para longe, muito longe do porão do tio e daquela primeira noite em Paris, temia uma única coisa: ser expulso sem ter tido tempo de alcançar o que buscava. Nunca tinha chegado tão perto do seu objetivo, e agora se afastava dele a toda velocidade. Talvez fosse o fim de sua aventura na França. Talvez o levassem diretamente para o aeroporto de Roissy, rumo ao Mali. Viu desfilar, por entre as grades, os velhos prédios centenários, as pedras claras das margens do Sena, que corria por centenas de quilômetros até chegar ao oceano Atlântico, o mesmo que banhava as costas da África perto de seu “país de origem”, para onde talvez o enviassem. Eles tinham razão de dizer “seu país de origem” em vez de apenas “seu país”: fazia dez anos que seu país era a França; eles podiam decidir o território de seu futuro e nada podiam mudar do passado, mas seu país, havia mais de dez anos, era a França, quisessem ou não.

Ele via as margens do Sena passando atrás do vidro e lembrava. Depois de quatro tentativas frustradas, enfim chegou à Europa. Conseguiu trabalho na Espanha e, então, empreendeu uma última viagem, quase sem descansar, de Almeria a Paris: durante todo o trajeto, preocupou-se em sobreviver, não parou para ver a paisagem — apenas alguns minutos para olhar o céu e as nuvens, que ali tinham formas desconhecidas. Quando finalmente se viu sozinho e livre, depois de descer do ônibus que o levou do sul da Espanha ao norte da França, olhou em volta e descobriu a França, descobriu Paris. Então caminhou, caminhou ao longo dos edifícios antigos da cidade. Seus sapatos estavam em frangalhos e furados, mas o céu estava amarelo, as paredes refletiam a luz do sol poente e ele estava no centro do mundo. Ele sabia que aquela sensação talvez fosse passageira, mas sentiu-se feliz de estar ali, e isso tornou aqueles minutos ainda mais preciosos.

Dez anos depois, continuava deslumbrado com a luz dos cais.

Mesmo atrás das grades, mesmo algemado, amava a França.

Era um patriota.